

ATUALIDADE DA HISTÓRIA ANTIGA

*José D'Encarnação**

O estudo da História Contemporânea exerce cada vez mais fascínio: é a análise dos antecedentes imediatos da União Européia; é o primado concedido, em muitos setores, à vertente econômica da comunidade; é o predomínio do noticiário político na totalidade dos meios de Comunicação Social.

Assiste-se, porém, em contrapartida, a um redobrado interesse pela História Antiga também:

- insiste-se na sua vertente turístico-cultural;
- a reutilização dos monumentos antigos surge por toda a parte como solução de redobrado interesse (o anfiteatro romano de Nîmes é usado amiúde para touradas e espetáculos musicais; no teatro de Plovdiv, na Bulgária, há ópera frequentemente...);
- assiste-se a uma redescoberta dos velhos temas literários clássicos: ainda recentemente uma telenovela brasileira glosava a lenda do rei Édipo;
- os arquitetos ditos pós-modernistas voltam a inspirar-se nos modelos greco-romanos;
- inclusive modelos de automóveis assumem nomes clássicos: o Clio, por exemplo...

Por conseguinte, a Antiguidade Clássica não é, definitivamente, um peso morto. Está bem presente na cultura contemporânea. O significado dos deuses, dos mitos faz parte do nosso quotidiano.

* Professor de Epigrafia Romana na Universidade de Coimbra.

E-mail: jde@uc.pt

Não que estejamos assistindo a um novo neoclassicismo consciente. Mas talvez possamos ser nós os motores dele, num momento em que a Europa busca uma outra unidade, moldada no Império Romano e, simultaneamente, vai haurir a diferença nas suas raízes romanas - que privilegiaram a diferença.

O **ensino** deve, pois, sublinhar essa modernidade, mediante a comparação de atitudes, de fatos, de ocorrências.

Isso fez, recorde, Norbert Rouland na obra *Rome, Démocratie Impossible?* (Actes Sud, 1981), que particularmente apreciei. Não é que a História se repita, mas...

- as reformas agrárias que se tentaram um pouco por toda a parte nos anos 70 não têm muito a ver com as reformas dos Gracos?
- as conseqüências das conquistas romanas não tiveram singular paralelo nas conseqüências da expansão portuguesa dos séculos XV e XVI e das conquistas espanholas dos séculos XVI e XVII?
- as atuais lutas entre o poder político e o poder militar, entre o poder político e o poder da religião não tiveram antecedentes iguais na época clássica (recorde-se, a título de exemplo, o começo das *Res Gestae Divi Augusti*: «Aos dezenove anos, por iniciativa privada e a expensas próprias, organizei um exército e com ele libertei o Estado, que se encontrava sujeito ao domínio das facções»)?
- os «imperadores» modernos e contemporâneos não se fazem enaltecer da mesma sorte que os imperadores romanos, de que copiam monumentos e fraseologia lapidar?
- não são hoje ainda os mesmos os mecanismos de promoção social através da benemerência?
- não é eterna a gramática decorativa dos monumentos honoríficos e funerários?
- no quotidiano, não nos expressamos da mesma forma? Os grafitos de Pompeios não são comparáveis às juras de amor que enchem por completo a parede da casa atribuída a Julieta em Mântua?...

A tendência dos legisladores será sempre a de cada vez mais restringir, nos planos curriculares, nos programas de ensino, o estudo da História Antiga. E, como conseqüência, restringir também o **financiamento** da sua investigação.

Compete-nos **alterar** essa tendência:

- no **ensino** que ministrarmos;
 - nas **conferências** que proferirmos;
 - nos **artigos** que publicarmos
- para que fique demonstrado que, afinal, o mundo da História Antiga está bem vivo, bem próximo de todos nós.